

# O ATEÍSMO EM NÚMEROS

WASHINGTON LUIZ DE PAULO<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo propõe apresentar uma discussão sobre o ateísmo no Brasil e na Europa, sua evolução relacionada aqueles que não creem na existência de Deus. Trata-se de uma releitura de autores que propuseram a discutir o ateísmo, artigos apresentados em congressos e publicações em revistas científicas. Tem como objetivo identificar os pontos incomuns nas dificuldades e os avanços para estabelecerem-se como ateu seja no Brasil, um país tipicamente cristão por vários séculos assim como na Europa que atravessa uma crise de identidade religiosa diante do pluralismo de religiões ali instalado. Embora, o discurso daqueles que são ateus seja a ascensão desta categoria frente às religiões, os números de vários institutos que se debruçam sobre o estudo evidenciam o contrário, uma diminuição e até mesmo um rigor fundamentalista para se estabelecer como ateu.

**Palavras-chaves:** ateu; religiões; números.

## ABSTRACT

*This article proposes to present the discussion on atheism in Brazil and in Europe, their evolution as those who do not believe in the existence of God. It is a re-reading of authors who proposed to discuss atheism, articles presented at congresses and publications in scientific journals. It aims to identify the uncommon points in the difficulties and the advances to establish themselves as atheists in Brazil, a typically Christian country for several centuries, as well as in Europe that is experiencing a crisis of religious identity in the face of the pluralism of religions there. Although the discourse of those who are atheists is the rise of this category vis-a-vis religions, the numbers of several institutes that study the study show the opposite, a diminution and even a fundamentalist rigor to establish himself as an atheist.*

**Keywords:** *atheist; religions; numbers.*

## INTRODUÇÃO

Ao deparar com estudos da ciência da religião pude observar as diversas correntes de fundamentalismos e doutrinas religiosas, assim como uma categoria que procura fixar como aqueles que não professam nenhuma fé ou não “crê em Deus”.

---

<sup>1</sup> Washington Luiz de Paulo, mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Professor Titular da Universidade Estadual de Goiás, campus Uruaçu-GO. Empresário Contábil.

Ao conceituar o ateísmo diversos autores buscam fundamentar em teorias a ausência de um Deus para embasar seus conceitos sobre religião. Para Vattimo (2002), “o niilismo existe em ato, não se pode fazer um balanço dele, mas pode-se e deve-se procurar compreender em que ponto se encontra, em que nos concerne, a que opções e atitudes nos convoca”. Assim, é buscando ênfase nos textos de Nietzsche que o autor procura evidenciar a ausência de Deus e com isso definir sua posição sobre o ateísmo.

No Brasil, um país colonizado e conduzido por séculos como tipicamente cristão, que tem em sua carta magna a presunção da laicidade, falar de ateísmo é um tanto vazio, quase sem representatividade. É a partir do ano de 1980 que o Censo demográfico começa a evidenciar uma mudança comportamental em relação à religião. No entanto, pode-se observar a partir do censo de 2010 que há um deslocamento da religião católica para o protestantismo, representando quase um quarto da população. Nesse contexto, observa-se também o crescimento daqueles que se declaram sem religião, atingindo um percentual de 8% em 2010.

Contudo, embora haja um crescimento no indicador daqueles que se declaram sem religião, o mesmo não permite afirmar que estes são ateus. Visto que

deveríamos, por exemplo, considerar ateu alguém que admite a existência de um “ser supremo”, de uma “força” que teria dado origem ao mundo, sem no entanto lhe reconhecer os atributos de uma pessoa? Aquele que sem negar a existência de Deus, duvida profundamente? Aquele que, mesmo afirmando a existência de Deus, considera que esse fato não tem nenhum alcance vital? Ou ainda aquele que, mesmo se declarando ateu, persegue um ideal ético? As respostas possíveis a essas perguntas nascerão de opiniões bem diversas sobre a amplidão do fenômeno ateu em seu conjunto. (GIRARDI *apud* MINOIS, 2014, p. 686)

Assim, Minois (2014) classifica algumas categorias de ateus: “ateísmo assertórico; ateísmo agnóstico; ateísmo semântico; ateísmo prático; e, ateísmo especulativo-prático”. Não bastasse as categorias apresentadas pelo autor ainda pode-se questionar sobre os descrentes, que para um artigo público na revista *Montalembert* (1966), são aqueles que por algum motivo teve uma experiência frustrada com a religião, seja pela “mortandade” da fé, pela existência de uma crise, ou mesmo pela frustração com uma religião a qual não se “permitiu” viver.

Nesse contexto de complexidades de conceitos e as múltiplas variações de ateísmo é que se propõe a apresentar os números de sua evolução, principalmente no Brasil.

## 1 – ATEÍSMO NA EUROPA

Em *História do Ateísmo*, Minois (2014) faz a discussão sobre “A quantas anda a descrença, após 2 mil anos de cristianismo”? Ao abordar os mais variados artigos que trazem dados estimativos sobre a quantidade de agnósticos e ateus no continente Europeu, o autor faz questão de frisar inicialmente a dúvida quanto à veracidade de tais números.

Os números apresentados na *World Christian Encyclopedia* (Enciclopédia cristã mundial) davam conta que o “grupo de descrentes, agnósticos e ateísmo seriam a maior família de pensamento do mundo”, superando inclusive a tradicionalíssima religião católica, com números superiores a 1 bilhão de adeptos, no ano de 2000. No entanto, segundo estimativa do ano de 1993, este número superou pouco mais de 1 milhão de pessoas de acordo com a *Britannica Book of the Year*. *apud* Minois (2014).

Embora, há relatos de que na Europa 1/4 (um quarto) da população se declarasse não religiosa, sempre dão ênfase que o número de ateus convictos seja de aproximadamente 5%. Para Minois (2014), esses números causam surpresa principalmente pelo declínio das religiões no continente.

Apesar de que, os institutos, associações e demais agremiações que se intitulavam representativas do ateísmo tem se registrado cada vez menos adeptos. Fato este, que corrobora com o baixo índice de adeptos declarados ao ateísmo convicto, conforme relatado por Minois (2014, p. 698).

Uma das mais antigas associações relatada por Minois (2014) é o Centro Ateu, de Vijayawada, fundado pelo indiano Gora. Esse mesmo fundador no ano de 1972 em sua obra *Positive Atheism* (Ateísmo Positivo) faz um paralelo do comportamento moral entre aqueles que professam alguma religião e aqueles que se declaram ateus:

[...] Os hindus falam com encanto da adwaita, ou unidade, mas tratam seus companheiros humanos como intocáveis. Os cristãos falam de amor, mas estão em guerra por toda a parte. Os mulçumanos falam de fraternidade, mas comprazem-se em exterminar os outros crentes. [...] O ateísmo declarado é uma necessidade para construir um homem moral, sólido e completo [...] é livre para dizer o que lhe convém, desde que faça o que diz e diga o que faz. Assim a liberdade do indivíduo é uma liberdade moral. Naturalmente, as relações sociais não permitem nem licenciosidade, nem egoísmo, nem segredo (GORA, *apud* MINOIS, 2014, p. 699).

No entanto, é notória a existência de uma diversidade de grupos de associações na Europa, em suas maiorias fragmentadas pela pouca representatividade. Conforme Minois (2014), um dos pontos críticos para a existência de vários grupos é a não concordância em um único conteúdo positivo para o ateísmo. As várias correntes de pensamento ateu como Richard Robinson, Marx e Engels podem justificar tais grupos. Há, porém, de ressaltar que um grupo ou associação não resistirá ou existirá apenas pautado no ateísmo, haverá outras ideias que justifique sua continuidade, conforme observa Finnger Hiorth *apud* Minois (2014, p. 700).

Diante dessa pluralidade de ideias e várias definições de ateus com conceituações distintas, pode-se justificar a baixa representatividade dessa categoria quando se questiona sobre religião no continente europeu. No entanto,

a impressão geral é que o ateísmo passa pela mesma evolução que as grandes religiões. [...] com a decomposição das religiões tradicionais, os ateus sentem menos necessidade de se definir como ateus, e a incredulidade tende, assim, a se dissolver num conjunto humanista e laico mais vasto (MINOIS, 2014, p. 701).

A existência de pluralidade de religiões, o declínio do protagonismo das grandes religiões traz consigo a redução da importância de se firmar como ateu.

## **2 – ATEÍSMO NO BRASIL**

Como um país latino de colonização Europeia, oriunda de uma religiosidade católica, o Brasil embora, tenha ao longo dos anos sustentado o título de maior país católico conforme o *Anuarium Statisticum Ecclesiae* (estatística anual da igreja, 2015), experimenta na última década um crescimento de outras religiões.

Nesse contexto de expansão de outras religiões, há também o crescimento dos que se declaram sem religião. Conforme já mencionamos o censo de 2010, indica que atualmente 8% da população estão inseridos nos mais diversos conceitos daqueles que não professam uma religião.

Como ocorre na Europa, no Brasil não é diferente a discussão desses números e a crítica sobre a maneira como é coletada a informação.

O mote do "pluralismo religioso" - inscrito na Constituição de 1988, que pôs fim ao período ditatorial - se desenha como pauta política para as décadas seguintes em um contexto marcado pelas seguintes características: a distribuição da diversidade religiosa é extremamente desigual (mais de 90%

cristã); a ideia de "minoría" é assumida como bandeira política principalmente pelos evangélicos; no mesmo movimento em que a "religião" começa a ser percebida como objeto de opinião individual, "não professar religião alguma" se apresenta como a alternativa disponível no campo das "escolhas religiosas"(MONTEIRO e DULLO, 2014, p. 59).

A percepção de que há uma migração de religiosidade e uma descrença sobre a religiosidade está evidenciado no último censo. No entanto, para o fundador da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA), a pesquisa Censo está comprometida. Para Daniel Sottomaior, a pergunta "qual é sua religião ou culto?" induziu o entrevistado a uma escolha entre duas opções (MONTEIRO e DULLO, 2014).

Para o presidente da ATEA Sottomaior, o recenseado no Brasil não está predisposto a assumir uma condição de ateu, visto que esta seria assumir-se como parte integrante de um grupo de minoria. Assim, para Monteiro e Dullo, as formas de agir e defender-se como ateus no Brasil, são as mesmas atitudes utilizadas por aqueles que querem defender sua crença.

Em sua obra *Ateísmo no Brasil: da invisibilidade à crença fundamentalista*, Monteiro e Dullo (2014), relata inclusive uma campanha publicitária da ATEA, basicamente fundamentada na percepção de seus fundadores em específico seu presidente Sottomaior. Inicialmente a ideia era promover uma campanha promocional *bus campaign*, para dar visibilidade à associação. Embora, não tratava-se de uma ideia original, visto que essa campanha já ocorrera em outros países, no Brasil houve resistência e negativa por parte das empresas de transporte que se justificaram das mais diversas formas para recusar a campanha.

Ao analisar a campanha colocada posteriormente na cidade de Porto Alegre, em quatro *outdoors*, percebe-se que houve uma viralização da mesma. O impacto percebido conforme Monteiro e Dullo (2014) ocorreu não apenas pelo texto utilizado e sim pela contextualização das imagens apresentadas. Em um dos outdoors foi colocada a frase "a fé não dá respostas. Só impede perguntas", com uma imagem de duas mãos segurando uma *Bíblia*, apoiada em uma grade, remetendo à imagem de um presídio.

Em entrevista ao site da Canção Nova em dezembro de 2010, dom Odílio Scherer dá ênfase a uma artificialidade da campanha, para em seguida afirmar que no Brasil não há perseguição ou discriminação de ateus e agnósticos, que estes existem e tem liberdade de se expressarem (*apud* MONTEIRO e DULLO, 2014).

Porém, ao afirmar na continuidade da entrevista que o fundamentalismo ora discutido na perspectiva da campanha tem como cerne algo que ocorre fora do Brasil, “que não é sentido aqui” e origina provavelmente em “algum grupo de ativistas ateus lá na Europa”, reforça assim, a ideia de que o ateísmo no Brasil é imperceptível e não causa conflitos que possam caracterizar agressão ou perseguição a coletividade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As questões religiosas ou mesmo a discussões em quantificar numericamente aqueles que se declaram religiosos ou se posicionam como sem religião sempre trará bons embates de ideia, seja para analisar tendências do comportamento humano ou a busca de afirmação como um grupo com ideologias religiosas/sem religião definidas.

Assim, para Monteiro e Dullo (2014) os números revelados pelo Censo de 2010, inicialmente precisaria separar em duas categorias: “sem religião” e “não religioso”, pois em suas análises aqueles que se denominam sem religião podem de alguma forma ter uma crença em Deus.

Discutir os números do ateísmo principalmente no Brasil vai além da necessidade de estabelecer-se como tal. Aparentemente está centrado na questão política de discriminação contra as minorias, diferentemente do que ocorre principalmente na Europa onde

pode-se perceber que as proposições defendidas remetem continuamente a um vasto campo de conhecimento e erudição acumulados ao longo de várias décadas de reflexão, ensino e debate público entre intelectuais de prestígio tanto no campo das ciências quanto no campo das religiões. (MONTEIRO e DULLO, 2014, p. 77)

Para Minois (2014), “o mais surpreendente, dois mil anos depois de Cristo é constatar que a questão da existência de Deus, embora não tenha sido resolvida, tornou-se secundária”. Não há mais o trabalho de provar sua existência ou refutá-la, o discurso está centrado em outras questões prementes.

Apresentar soluções para os conflitos do bem estar social, seja o sonho da casa própria, o emprego conquistado tem se inserido no cotidiano das religiões que mais ascende nas últimas décadas. Nesse sentido, ser ateu e discutir a existência de um ser superior já não despertará novos adeptos à causa. Vivemos na sociedade do atendimento às questões imediatas de sobrevivência.

Assim, a discussão sobre o crescimento ou não do ateísmo em números seja na Europa ou no Brasil, tem sí tornado um discurso cada vez mais fundamentalista, do que propriamente uma afirmação das ideias filosóficas que discutem a não existência de Deus. Ao mesmo passo, aqueles que se declaram sem religião ou que transitam por mais de uma religião carecem um olhar sobre seu perfil, para compreender o indivíduo da sociedade contemporânea “pós-moderna”.

## REFERÊNCIAS

MINOIS, Georges. *Historia do Ateísmo*. Os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias. Tradução de Flavia Nascimento Falleiros. São Paulo: Unesp, 2014.

MONTERO, Paula and DULLO, Eduardo. Ateísmo no Brasil: da invisibilidade à crença fundamentalista. *Novos estud. - CEBRAP [online]*. 2014, n.100, pp.57-79.

Radio Vaticano. Abril, 2017. Brasil é o país com o maior número de católicos do mundo. Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2017/04/11/brasil-e-o-pais-com-o-maior-numero-de-catolicos-do-mundo/> acesso em 23/10/2017.

REIMER, Ivoni Richter. *Trabalhos Acadêmicos: Modelos, Normas e Conteúdos*. Goiânia: Oikos, 2014.

VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade*. Nihilismo e hermenêutica na cultura moderna. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.